

# Declaração

dos

## DIREITOS DA CRIANÇA

Artigo I—A criança disfrutará de todos os direitos enunciados nesta Declaração. Estes direitos serão reconhecidos a todas as crianças, sem excepção nem distincão ou descriminação motivada pela raza, cor, sexo, idioma, religião, opiniões políticas ou outras, origem nacional ou social, posição económica, nascimento ou qualquer outra condição aplicável à própria criança ou à sua família.

Artigo II—A criança gozará de uma protecção especial e disporá de oportunidades e facilidades que lhe permitirão desenvolver-se física, intelectual, moral, espiritual e socialmente de uma forma saudável e normal assim como em condições de liberdade e dignidade.

Ao serem promulgadas leis com esta finalidade, deverão considerar-se fundamentalmente os superiores interesses da criança.

Artigo III—A criança terá direito, desde do seu nascimento a um nome e a uma nacionalidade.

Artigo IV—A criança deverá usufruir de todos os benefícios da segurança social. Deverá crescer e desenvolver-se de maneira sã: com esta finalidade deverão ser facultados tanto a ela como à sua Mãe, cuidados especiais, incluindo vigilância pré e pós-natal. A criança terá direito a alimentação, a alojamento, distracções e serviços médicos adequados.

Artigo V—A criança, física ou mentalmente diminuída ou que sofra de qualquer desfazamento social, deverá receber o tratamento, a educação, e os cuidados especiais que o seu caso particular exige.

Artigo VI—A criança, para total e harmonioso desenvolvimento da sua personalidade, necessita de amor e compreensão.

Sempre que possível deve crescer amparada e sob a responsabilidade de seus pais e em todos os casos, num ambiente de afecto e de segurança moral e material.

Salvo circunstâncias excepcionais, não deverá a criança ser separada da sua Mãe. A sociedade e as autoridades públicas têm a obrigação de cuidar em especial das crianças sem família, ou que careçam de meios adequados de subsistência.

O Estado, ou outros Organismos, deverão conceder subsídios às famílias numerosas, para que possam cuidar convenientemente dos filhos.

Artigo VII—A criança terá direito a receber uma educação que será gratuita e obrigatória, pelo menos a níveis elementares.

Ser-lhe-á dada uma educação que favoreça a sua cultura geral e lhe permita, em condições de igualdade e oportunidades, desenvolver as suas aptidões, a sua forma de pensar e o seu sentido de responsabilidade moral e social, para poder vir a ser um elemento útil da sociedade.

O superior interesse da criança deve ser o princípio que rege aqueles que têm a responsabilidade da sua educação e orientação; essa responsabilidade pertence em primeiro lugar a seus Pais.

A criança deve poder dispor de jogos e distracções, os quais serão orientados para os fins a atingir pela educação; a sociedade

MAIO DE 1973

ESCOLA PREPARATÓRIA  
GONÇALO NUNES  
BARCELOS



# O que é um rapaz?

—ALAN BECK

*Encontram-se de todos os tamanhos, cores e feitios, e em qualquer parte: em cima, em baixo, dentro, fora, trepando, baloiçando, correndo, saltando...*

*As mães adoram-nos, as meninas mais pequenas não os podem ver, os irmãos e irmãs maiores toleram-nos, os adultos desconhecem-nos, e o céu protege-os, pois, como ao borracho, Deus lhes põe a mão por baixo...*

*Um rapaz é a verdade com a cara suja, a sabedoria com o cabelo desgrenhado e os dedos cheios de tinta, a Esperança do futuro com uma rã no bolso.*

*Um rapaz tem o apetite dum cavalo, a energia dum bomba atómica, a curiosidade de um gato, as goelas dum ditador, a imaginação de um Júlio Verne, a brusquidão de uma armadilha, o entusiasmo de uma bicha de rabiar, e quando faz alguma coisa parece que tem cinco polegares em cada mão.*

*Perde a cabeça diante de um doce, dum navalha ou de um serrote, e gosta do Natal, do filho dos vizinhos, dos livros com figuras, dos animais grandes, do campo, dos regos de água, dos comboios, dos domingos pela manhã e dos carros dos bombeiros. Gosta dos cães e odeia os gatos. Aborrecem-no: as visitas, a escola, os livros sem figuras, as lições de música, as gravatas, os cabeleireiros, as meninas, os casacos, os adultos, e a hora de deitar.*

*Ninguém se levanta tão cedo nem chega mais tarde para o jantar.*

(Continua na página 6)

e aos autoridades públicas deverão esforçar-se para promover o gozo total deste direito.

Artigo VIII—As crianças devem, em todas as circunstâncias, estar entre os primeiros a receber protecção e socorros.

Artigo IX—A criança deverá ser protegida contra todas as formas de abandono, crueldade e exploração.

Não será objecto de qualquer tipo de transacção.

Não deverá permitir-se que a criança trabalhe antes de atingir uma idade mínima e adequada; em caso algum será permitido que exerça funções que possam prejudicar a sua saúde e educação, ou impedir o seu desenvolvimento físico, intelectual ou moral.

Artigo X—A criança deverá ser protegida contra práticas que possam levar à descriminação racial, religiosa ou qualquer outra.

A criança deve ser educada num espírito de compreensão, tolerância, amizade entre os povos, paz e fraternidade universal e com plena consciência de que deve consagrar as suas energias e aptidões ao serviço dos seus semelhantes.

Declaração dos Direitos da Criança, assinada em 20 de Novembro de 1959, na Organização das Nações Unidas.

# CHEGUEI AO CICLO

Depois de fazer o exame de quarta classe, no qual passei com uma boa nota, fiquei em férias. Nas férias, só pensava no Ciclo e na mudança de estudo que ia ter, depois de ter passado quatro anos na escola primária de Gonçalo Pereira.

No primeiro dia de aulas, brinquei imenso, devido às apresentações serem pequenas.

Gostei imenso dos professores e das professoras.

Os dias foram passando e eu comecei a dedicar-me ao estudo, para levar o ano a sério.

Ainda antontem tivemos uma chamada escrita a História.

Foi uma grande mudança, mas espero tirar boas notas para satisfazer os meus pais.

PAULO JORGE 1.º Ano E

## Escrevem para ti... falando da vida

### A NATUREZA

«O parque ficou sozinho e vazio. As altas copas das árvores formavam uma abóbada verde. Os troncos dos plátanos e das bétulas desenhavam na verdura as suas manchas brancas. Não se ouvia voz nem passo humano. As folhas caíam redopiando devagar em largos círculos e pousavam quase sem ruído na macieza do chão. Aqui e além estalavam ramos secos. Aqui e além um pássaro cantava. Ervas trémulas dançavam à menor brisa. No ar pairava um perfume de maçã de Outono.»

A Floresta—Sophia de Mello Breyner

### A POESIA, O SONHO...

«Nas manhãs de Verão verdes e doiradas as crianças saíam muito cedo, com um cesto de vime enfiado no braco esquerdo e iam colher flores, morangos, amoras, cogumelos. Teciam grinaldas que poisavam nos cabelos ou que punham a flutuar no ri. E dançavam e cantavam nas relvas finas sob a larga sombra luminosa e trémula dos carvalhos e das filias.»

O Cavaleiro da Dinamarca  
Sophia de Mello Breyner

### A AMIZADE...

«—Lembras-te da festa das flores e da clareira e da noite de Primavera?—disse ele.

—Lembro-me, lembro-me de tudo agora. Mas eu pensava que era um sonho. Pensava que tudo o que eu tinha visto era extraordinário demais e não podia ser verdade.

—As coisas extraordinárias e as coisas fantásticas também são verdadeiras. Porque há um país que é noite e um país que é um dia.

—Como o mundo é maravilhoso!—disse Florinda.

E deu a mão ao Rapaz de Bronze e foram os dois através do jardim.»

O Rapaz de Bronze  
Sophia de Mello Breyner

### A REALIDADE, A VIDA...

«—E onde é que brincas?

—Brinco em toda a parte. Dantes morávamos no centro da cidade e eu brincava no passeio e nas valetas. Brincava com latas vazias, com jornais velhos, com trapos e com pedras. Agora brinco no pinhal e na estrada. Brinco com as ervas, com os animais e com as flores. Pode-se brincar em toda a parte.»

A Noite de Natal  
Sophia de Mello Breyner



## GONÇALO NUNES

No Castelo dos Alcaldes de Faria, concelho de Barcelos, monte da Franqueira, aconteceu um facto que ficou gravado na História de Portugal.

Andando os castelhanos no nosso país, cercaram o castelo dos Alcaldes de Faria. Antes tinha havido uma batalha entre os defensores do Minho e os castelhanos. Muita diferença numérica existia entre os castelhanos e os portugueses. Os castelhanos, valendo-se do seu número de homens, ganharam a batalha e fizeram alguns portugueses prisioneiros, entre eles Nuno Gonçalves, o defensor do castelo de Faria.

Nuno Gonçalves confiara, antes de ir para a batalha, a defesa do castelo a seu filho. Assim, os castelhanos, como tinham Nuno Gonçalves prisioneiro, propuseram a seu filho, Gonçalo Nunes, o seguinte acordo: entregavam o pai mas dar-lhes-iam o castelo. Nuno Gonçalves, sabendo disso, disse aos castelhanos que o filho só aceitaria as condições se o deixassem falar com ele, perto do castelo. O oficial castelhano aceitou mas tinha de levar alguns castelhanos com ele. Nuno Gonçalves concordou.

Ao chegar ao castelo disse ao filho:

—Gonçalo Nunes, sabes de quem é este castelo?

—Sei, sim, meu pai. É de nosso rei e senhor D. Fernando. Tu mesmo lhe prestaste vassalagem e lealdade.

—Se é assim, então defende-o.

Os soldados castelhanos, ao ouvir estas palavras, mataram logo Nuno Gonçalves. Gonçalo Nunes defendeu o castelo e os soldados castelhanos não puderam lá entrar.

Alberto Augusto — 1.º Ano H

## Romaria em S. Julião de Freixo

Há na minha terra muitas festas que se fazem com toda a alegria minhota. Mas a mais importante de todas e a que maior número de jo-rasteiro reúne é a festa de S. Cris-tóvão. Realiza-se esta festa no alto do monte que, por ter lá a capela, se chama o «Monte de S. Cristóvão». Este monte é muito bonito e dele se vêem variadíssimos pano-ramas: ao longe, o mar enorme; mais próximo, a Igreja ao redor da qual aparecem as casas da fregue-sia, os campos verdes e a estrada que a atravessa.

Realiza-se esta festa nos dias 24 e 25 de Julho.

De manhã é a parte religiosa. Há missa campal, sermão e enorme procissão em que as freguesias em redor tomam parte.

De tarde há o arraial tipicamen-te minhoto, danças regionais, des-cantes populares e desafio entre duas bandas de música.

À noite, há grande iluminação no monte, fogo de artifício e fogo preso.

E assim é esta grande festa que é muito conhecida em todo o Minho.

Ana Paula — 1.º Ano N



## A TELEVISÃO

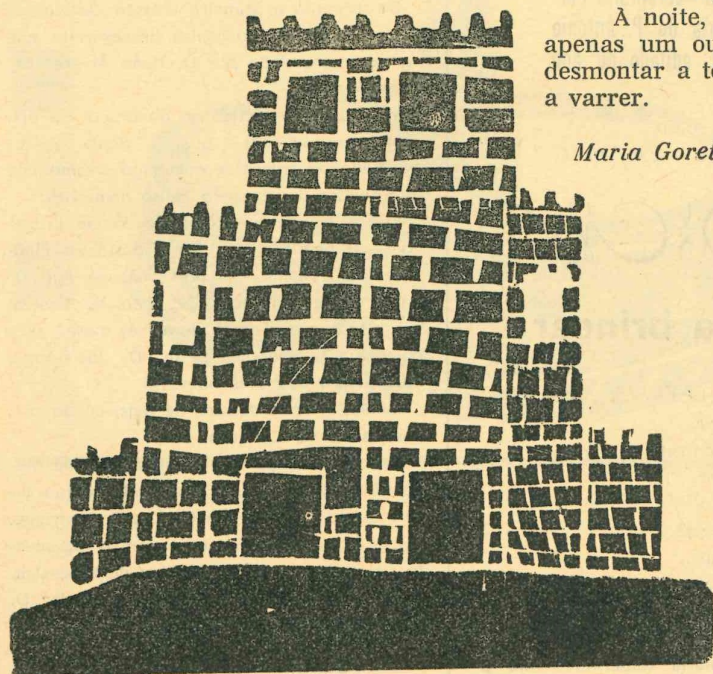
O invento que mais admiro é a televisão, pois serve para as pessoas, por meio de certos programas saberem o que acontece no mundo e para se divertirem.

É composta por um vidro, na frente, pelo qual vemos as imagens: ao lado botões para a ligarmos e pararmos, para a pormos alto ou baixo, para a pormos escuro ou claro... e por dentro tem todo o maquinismo que precisa para trabalhar.

Este aparelho tem importância para a vida humana, porque através dele vemos todos os filmes e programas que nos valorizam.

Veio televisão quase todos os dias e admiro esse aparelho porque através dele vejo o que se passa no mundo.

Maria Amélia — 1.º Ano R



### UM ANALFABETO EM APUROS

Recebeu um analfabeto, diante duns ami-gos, um cartão do compadre a pedir-lhe um burro.

Olhou para o bilhete, e não querendo mos-trar que não sabia ler, disse ao portador: — Está bem. Diga que eu já lá vou...



## A FEIRA DE BARCELOS

A feira para mim significa algo de importante, precisamente por ser uma coisa característica de uma povoação.

Há em Barcelos, de oito em oito dias, a feira a que eu já assisti mais do que uma vez.

Barulho não falta: vendedores a apregoarem os seus objectos por aqui e por ali, outros mais adiante a vender os seus cereais, frutas, cerâmicas, hortaliças, louças...

Gente para aqui e para ali, sempre sem parar, num barulho ensurdecedor que, não deixa uma pessoa estar parada.

— Mas, que chatices! — diz um — Nunca mais vendo as minhas maçãs para me ir embora.

— Ó comadre, e inda você tem muita sorte. Olhe para ali: os feijões e os alhos que ainda tenho para vender.

— Ó tia Rosa, vossemecê é capaz de me ficar com os meus ovos enquanto vou ali comprar alguma coisa para comer. Estou cá com uma destas fomes!...

— Fico sim, fico. Então não hei-de ficar? Deixe ficar. Deixe e vá descansada que os hei-de vender por bom preço. Quantas dúzias são?

— São quatro. Até logo.

— Até logo.

A noite, já não há ninguém, apenas um ou outro a acabar de desmontar a tenda e os varredores a varrer.

Maria Gorete Sousa — 2.º Ano I

## Mariz, a minha terra

A minha freguesia é Mariz, do concelho de Barcelos que fica situada na margem direita do rio Cávado e é atravessada pela estrada nacional que liga Barcelos a Espo-posende. Fica a quatro quilómetros da sede do concelho.

Esta freguesia foi fundada por uns fidalgos chamados Marizes, de origem francesa, que viviam em Espanha e que tiveram de fugir para cá. Esta freguesia já existia no reinado de D. Afonso III.

O padroeiro de Mariz é Santo Emilião que foi bispo espanhol.

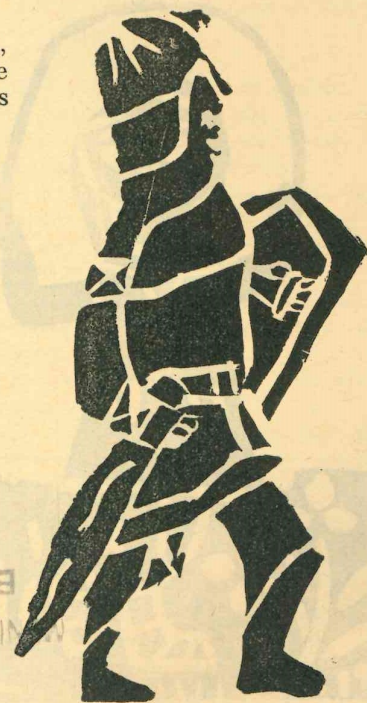
As margens do rio Cávado, no Ve-rão, são muito agradáveis para pas-sar o dia.

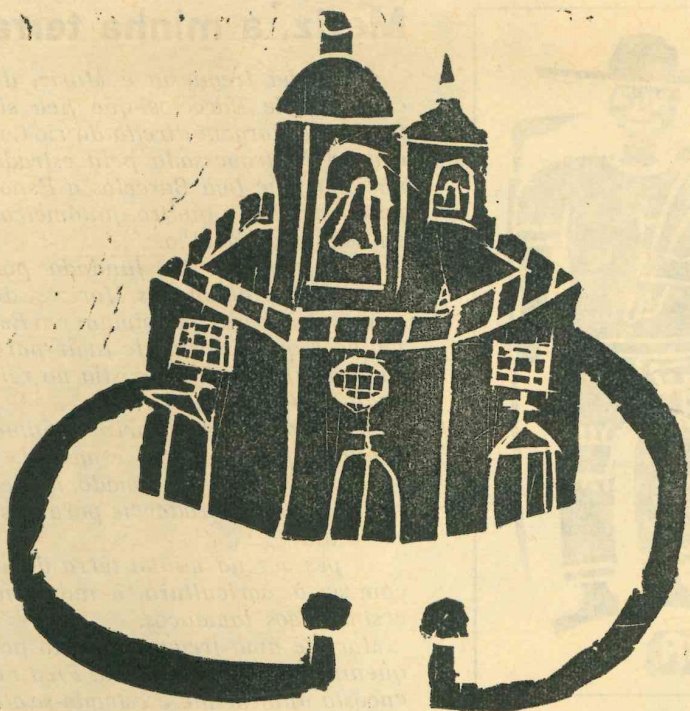
As pessoas na minha terra dedi-cam-se à agricultura, à indústria cestos e aos tamancos.

Mariz é uma freguesia muito pe-quenina mas muito bonita. Fica na encosta dum monte e estende-se até ao rio. Parece uma cascata e fica muito bonita quando, na Primave-ra, os seus pessegueiros e ameixoei-ras florescem.

Ali todos se dão muito bem e vi-vemos como em grande família.

Marília — 1.º Ano P





## A ORIGEM DE BARCELOS

«Duas léguas da foz do rio Cavado, tres abaixo de Braga, sete do Porto para Norte, & cinco ao Sul de Ponte de Lima tem seu assento a nobre Villa de Barcelos, de cuja a fundação não ha noticia certa.

Rodrigo Mendes Sylva attribue sua origem aos Barcinos, cabeça de bando em Carthago contra os Edos, duzentos & trinta annos antes da vinda de Christo, tempo em que povoarão Barcellona: mas a esta sua opinião o não moveo outra razão mais que a semelhança de Barcellos com Barcellona & em nenhum dos authores, que allega, se acha.

Felis Machado, Marquez de Montebello, nas notas que fez ao Nobiliário do Conde Dom Pedro diz que Barcellos derivou de Barca Celani, que he o mesmo que Barra do rio Celano, que por ali corre, por estar esta Villa fundada nas margens do rio. Os curiosos descobrindo a origem do nome de Barcellos por differente modo, dizem, que antes que no rio Cavado houvesse a ponte que nelle vemos, andava em aquella passagem huma barca, a que chamavam Barce Celi, & que della se derivou o nome à povoação, que de Barca, & da palavra Celi com pouca corrupção se chamou Barcellos, para o que allegão aquelle verso, que anda na memoria da gente: A Barca Celi Barcellos nomine dicunt.

A opinião mais provavel he, que esta Villa foy antigamente Cidade Episcopal, chamada Aguas Celanas do rio Celano, chamado hoje Cavado, nome que le puserão os Mouros, quando dominarão Espanha, pelos annos de 713, chamando a esta Cidade Barcellanos, corrupto hoje em Barcellos.»

Texto transcrito da «Corografia Portuguesa», da autoria do P. António Carvalho da Costa, editado no ano de 1868.

José Carlos — 2.º Ano C



### Criança a brincar

Criança que brinca  
No pátio a sorrir,  
Anda sempre contente...  
Não pára de rir.

Criança que brinca.  
Com seus amigos.  
Contente e feliz.  
No pátio pequeno, sem inimigos...



## O CONDESTABRE

Nuno Álvares Pereira nasceu em 1360, quando reinava em Portugal D. Pedro I.

Seus pais eram Álvares Gonçalves Pereira e Iria Gonçalves do Carvalhal.

D. Nuno desde novo frequentou a corte, quando fez um ano, o Rei concedeu-lhe o direito de ser filho legítimo, pois o pai tinha-lhe prestado um grande serviço.

Tinha oito a nove anos quando começou a guerra de Portugal com Castela.

Em Castela tinha havido uma guerra civil, e os vencidos vieram pedir ajuda a D. Fernando para que fosse atacar o novo rei que era D. Henrique.

Ao saber que Portugal tenta fazer uma aliança com a Inglaterra, D. Henrique preparou-se para invadir Portugal. D. Nuno tinha por esta altura doze anos.

Álvares Gonçalves Pereira, um guerreiro famoso do reino, promete comandar um exército e com ele vai seu filho que era apenas um moço.

Aos treze anos, a rainha D. Leonor resolve arma-lo cavaleiro. Pediu ao mestre militar da ordem de Avis que era irmão do rei para arranjar uma armadura para D. Nuno.

Entretanto, em Castela, tinha subido ao trono D. João que casou com D. Beatriz, filha de D. Fernando.

Quando D. Fernando morreu, suceder-lhe-ia esta sua filha, mas a maioria do povo não queria, pois Portugal deixaria de ser independente.

D. Nuno salientou-se muito nesta época, pois foi ele o braço direito do Mestre de Avis.

Dá-se então a primeira invasão castelhana. Mestre de Avis organiza um exército que vai ser comandado por D. Nuno Álvares Pereira.

Vai usar-se a tática do quadrado, de origem inglesa e com a qual D. Nuno não teria medo de enfrentar o inimigo mesmo que este tivesse um exército muito numeroso.

O Mestre de Avis tinha ficado em Lisboa com um pequeno exército e bastantes mantimentos e munições, pois receava que D. João cercasse Lisboa. D. João de Castela cerca Lisboa e o cerco dura três meses, pois começara a aparecer peste. D. João fugiu com alguns dos seus homens.

É eleito rei o Mestre de Avis, D. João I, nas cortes de Coimbra.

Faz-se a aliança com a Inglaterra que desde há muito tempo, D. Fernando tentou fazer, quando reinava em Castela D. Henrique.

Esta aliança confirmou-se com o casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre.

Os ingleses comprometem-se a ajudar D. João na batalha de Aljubarrota. Usa-se a tática

(Continua na página seguinte)



# A LENDA DO SENHOR DO GALO

O Galo de Barcelos, vistoso e de brilhante pintura, com a crista bem erguida e as esporas bem salientes, é dos mais característicos exemplares da fábrica de louça de barro local. É famoso no país e no estrangeiro.

Não está exactamente averiguada a causa do culto do galo mas pode ser que provenha da velha lenda passada de geração em geração, através dos séculos.

Vou contá-la em poucas linhas, resumindo-a aos traços principais.

Um homem, nascido na vizinha Galiza, tinha sido condenado à forca por crime que não cometera. Em vão jurara que não tinha cometido tal coisa, mas os seus argumentos pareciam acusá-lo ainda mais. Por isso se pôs sob a protecção de Nossa Senhora e Santiago, seu patrono. Entre lágrimas e súplicas, pediu-lhes que o liberrassem de tal pena injusta que ia sofrer.

Foi a casa do juiz e pediu que o deixassem ir à sua presença.

Cedeu o juiz e recebeu-o na sala de jantar, onde estava a comer.

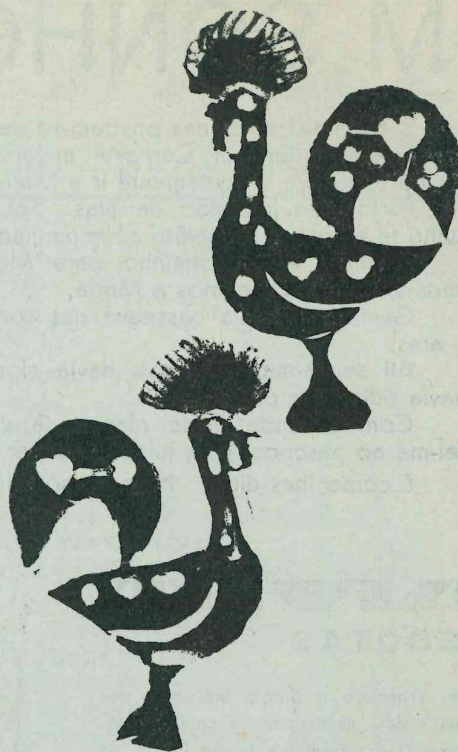
Apareceu o condenado, que novamente declarou a sua inocência. Para o demonstrar, um galo assado, que estava sobre a mesa do julgador, levantar-se-ia e cantaria, caso fossem verdadeiras as suas justificações.

E assim aconteceu. O galo saltou da travessa e cantou alegremente.

Para relembrar o singular acontecimento, mandou erigir um padrão, mesmo em frente da forca, na freguesia de Barcelinhos.

Este padrão foi mais tarde transferido para o museu arqueológico de Barcelos.

José Adelino — 2.º Ano C



## A Criança de todo o Mundo

Todas as crianças devem ter os mesmos direitos, sejam ricos, pobres, orfãos... Não deve diferir a cor da pele: branca, negra, mestiça. Todos devemos ser iguais.

Há crianças no mundo que embora sejam crianças têm aparência de velhos, porque não têm os cuidados necessários, enquanto outras gozam de regalias e vivem verdadeiramente a sua infância.

A criança deve viver segundo a vida actual, e não à moda antiga, e isso descontenta alguns pais porque estão sempre dizendo:

— Eu quando era pequeno andava a pedir para comer, e fámos à lenha ao monte para ganharmos algum dinheiro, e vós eh... eh... andais aqui que pareceis uns autênticos fidalgos...

Algumas crianças, pela educação que têm, são muito acanhadas porque não têm contactos com mais ninguém.

Há ainda algumas que, por falta de higiene necessária, que seus pais desconhecem, adquirem doenças e isso prejudica a sociedade em geral.

Rui Manuel — 2.º Ano I



Qual a criança que não tem os seus próprios direitos?

São milhares!

Essas crianças que nem se divertem, dormem mal e alimentam-se mal, como podem sobreviver aos perigos da vida, que tão cedo começam, nesta forma lastimável?

Só há uma forma para que isto desapareça de uma vez para sempre. Pensar! Lutar! Que haja alegria nos rostos de cada um, principalmente no das crianças!

Só as crianças podem construir essa maravilhosa necessidade de que todo o mundo precisa: a alegria!

Não há verdadeira alegria onde não há crianças!

Maria Gorete Sousa — 2.º Ano I

## Uma anedota

O Professor: «Francisco matou o Joaquim». Onde está o sujeito?

O aluno, famoso trovador:

Há na verdade um assunto  
Que me ficou bem na idela:  
O sujeito, quando mata,  
Entra logo na cadeia.



tica do quadrado mas um pouco mais desenvolvida.

Depois do medo da perda da independência, D. Nuno manda construir um convento que teve o nome de Convento do Carmo, trocou a espada pela cruz, e a armadura pelo hábito.

(Em Barcelos há vestígios de D. Nuno numa pequena casa, perto da Câmara Municipal).

Paulo Jorge Correia — António Emílio —  
Carlos Manuel — José Joaquim Miranda  
1.º Ano E

# UM SONHO DE CARNAVAL

É Carnaval e as ruas povoam-se de máscaras e de rapazes com bisnagas.

Costumo ter um Carnaval melancólico, mas desta vez preparo-me com máscaras de Carnaval para passear no espaço e seguidamente ir a Marte.

Parto num fogueião de fitas. Sou o maior cientista do mundo e todos me atiram confetis. De careta em punho lá entro no fogueião, acompanhado pelos meus convidados do planeta Marte.

Partimos e no caminho para Marte encontramos a nossa amiga Lua no espaço, vestida de cometa. Seguimos viagem e chegamos a Marte.

Gente minúscula passeava nas ruas da cidade de «Bekmon», com caretas garridas. Serpentinhas voam pelos ares.

Ali sentia-me feliz, pois havia alguma coisa anormal. Que seria? Ah, sim, havia amor e respeito e não havia ódio nem guerra.

Com saudade deste planeta lá voltei à Terra. Mas, no espaço, caiu-me a máscara carnavalesca. Agarrei-me ao pescoço, pois julgava morrer sufocado. E, de repente... acordei.

É como lhes digo. Não passou dum sonho carnavalesco.

ANTÓNIO ARMANDO DUARTE 2.º Ano A



## ANEDOTAS

O Sr. Francisco e outros indivíduos seguem na mesma carruagem do comboio para Lisboa. O Sr. Francisco lê um jornal, e de quando em quando, rasga um bocado e deita-o pela janela fora:

— Desculpe — interrompe um indivíduo — pode dizer-me por que motivo deita os bocados do jornal pela janela fora?

— É por causa dos efebantes... isto impede que eles venham passear para a linha, o que seria perigoso para o combolo...

— Mas eu nunca encontrei efebantes na linha Porto-Lisboa.

— Ah!... Vê como dá resultado!

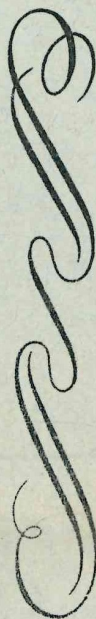


A patroa: — Olha lá, antes de entrar ao serviço preciso de saber se gosta de gatos.

A criada: — Como de tudo, minha senhora, não sou esquisita.

Ondina Maria — 1.º Ano

José Carlos — 2.º Ano



## Soluções

- 1 — Nenhum
- 2 — Mário
- 3 — Autocarro
- 4 — A zebra porque anda vestida de riscado
- 5 — É a outra metade
- 6 — As gatas
- 7 — Ver por cima dos óculos para não gastar as lentes

José Carlos — 2.º Ano C

## UM DIA DE SOL

Um dia de sol é tão agradável e alegre que pode modificar por completo a humanidade.

Depois de dias e dias invernosos que tanto custam a passar, de repente aparece um dia cheio de sol, lindo e com a frescura da primavera. O céu fica cheio de lindas aves, principalmente andorinhas. As flores nos jardins têm já cores mais vivas que os põem muito mais alegres, vêem-se as crianças a brincar alegremente. As ruas ficam mais movimentadas. Nos campos trabalham lavradeiras e lavradores, cantando e falando animadamente, juntando ao verde dos campos as cores dos seus característicos trajes, que ajudam a alegrar esse dia tão simpático.

Vem o entardecer, amanhã um novo dia começa de esperança e sol...

Virginia — 1.º Ano E

Évora  
Lisboa  
Braga  
Barcelos

## O que é um rapaz?

(Continuação da 1.ª página)

Ninguém senão ele consegue meter no mesmo bolso, um canivete enferrujado, uma maçã mordida, uma braça de fio, uma caixa de fósforos vazia, dois rebuçados, seis tostões, uma fiska e um naco de qualquer substância desconhecida.

Um rapaz é uma criatura mágica. Podeis fechar-lhe a porta do escritório ou do quarto onde guardais os instrumentos de trabalho, mas não podeis fechar-lhe a porta do vosso coração. Podeis mandá-lo para fora da sala de visitas, mas não conseguis afastá-lo do pensamento. Todos os poderes se rendem diante dele. É o vosso carcereiro, o vosso patrão — esse feixe de ruidos com a cara sardenia.

E, quando, à noite, chegais a casa, vergado sob o peso de tantas esperanças e sonhos desfeito, ele pode reunir, todos esses destroços com duas palavras mágicas:

«Salvar um Homem é bem.  
Mas salvar uma Criança é salvar  
uma tábua de multiplicação.

JOHN WANAMAKER

Isabel — 1.º Ano E

### Gago Coutinho

O seu muito saber de geógrafo e navegador de larga experiência e o seu espírito de empreendedor e investigador, levou-o a dedicar-se aos estudos de navegação aérea, ainda em começo nessa época. Para esse fim, ligou-se ao seu antigo companheiro de trabalhos geográficos nas colônias, o capitão-tenente Sacadura Cabral; de começo, muito em segredo, começaram a realizar voos de experiência, para estudo de novos métodos de navegação aérea, já com o fim de efectuar a notável travessia aérea de Lisboa ao Rio de Janeiro. Em 1921, Gago Coutinho faz com Sacadura Cabral a viagem aérea de experiência de Lisboa ao Funchal, em que pôde verificar a exactidão dos seus processos de navegação, e pela qual foi louvado. E é então que, em 1922 (Marco-Junho), no modesto hidroavião «Lusitânia», aqueles dois oficiais realizaram essa travessia aérea de Lisboa ao Rio de Janeiro, que havia de ficar memorável. Esta travessia, que foi a primeira que se realizou entre a Europa e a América do Sul, foi também a primeira em que se fez a navegação aérea com rigor e por forma desembaracada, próprios para a navegação no ar, fazendo Gago Coutinho uso de tábuas de navegação, especialmente adaptadas para este fim, e de um instrumento metálico para medição de ângulos da sua invenção, cujo modelo foi mais tarde reproduzido por uma firma da especialidade alemã. Esta travessia teve uma repercussão mundial importante e trouxe não só para Gago Coutinho e Sacadura Cabral um rinome que ultrapassou as fronteiras como honra para o nosso país. A navegação aérea que até a esta data se tinha feito um pouco ao acaso, apoiando-se o piloto apenas no rumo da agulha, passou a poder ser feita por processos rigorosos, práticos e expeditos.

LEOPOLDINA

### A minha Escola

Ao ter conhecimento de que este ano funcionava pela primeira vez o curso nocturno para adultos, vi realizada a aspiração que desde há muito me acompanhava, mas que, por falta de escolas, nunca me foi possível realizar.

Depois de alguns anos, ausente, os tempos mudaram, e aquilo que antes era quase impossível agora quase que é obrigatório. Daí a necessidade de criarem mais escolas para satisfazerem a população que é bastante numerosa e ao mesmo tempo dar possibilidade aos adultos para se cultivarem.

Aqui estou eu também, radiante, não só pelo aproveitamento mas também ao ver a disponibilidade dos professores que têm de se deslocar, à noite, para nos atender, representando para todos grande sacrifício.

Ao mesmo tempo tive possibilidade de conhecer os meus colegas que, sendo todos da cidade, nunca nos tínhamos encontrado.

Penso que este curso tem sido muito vantajoso para todos.

MARIA DA CONCEIÇÃO

## ESTATUTOS DO HOMEM

- Artigo 1.* Fica decretado que agora vale a verdade, que agora vale a vida e que de mãos dadas trabalharemos todos pela vida verdadeira.
- Artigo 2.* Fica decretado que todos os dias da semana, inclusive as terças-feiras cinzentas, têm direito a converter-se em manhãs de Domingo.
- Artigo 3.* Fica decretado que, a partir deste instante, haverá girassóis em todas as janelas, que os girassóis terão direito a abrir-se dentro da sombra; e que as janelas devem permanecer, o dia inteiro, abertas para o verde onde cresce a esperança.
- Artigo 4.* Fica decretado que o homem não precisará nunca mais duvidar do homem. Que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento, como o vento confia no ar, como o ar confia no campo azul do céu.
- § único:* O homem confiará no homem como um menino confia em outro menino.
- Artigo 5.* Fica decretado que os homens estão livres do jugo da mentira. Nunca mais será preciso usar a couraça do silêncio nem a armadura de palavras. O homem se sentará à mesa com seu olhar limpo porque a verdade passará a ser servida antes da sobremesa.
- Artigo 6.* Fica estabelecida, durante dez séculos a prática sonhada pelo profeta Isaías, e o lobo e o cordeiro pastarão juntos e a comida de ambos terá o mesmo gosto de outrora.
- Artigo 7.* Por decreto irrevogável fica estabelecido o reinado permanente da justiça e da claridade, e a alegria será uma bandeira generosa para sempre desfraldada na alma do povo.
- Artigo 8.* Fica decretado que a maior dor sempre foi e será sempre não poder dar-se amor a quem se ama e saber que é a água que dá à planta o milagre da flor.
- Artigo 9.* Fica permitido que o pão de cada dia tenha no homem o sinal de seu suor. Mas que sobretudo tenha sempre o quente sabor da ternura.
- Artigo 10.* Fica permitido a qualquer pessoa, a qualquer hora da vida, o uso do traje branco.
- Artigo 11.* Fica decretado, por definição, que o homem é um animal que ama e que por isso é belo, muito mais belo que a estrela da manhã.

(Continua na página seguinte)

## ESTATUTOS DO HOMEM (Continuação)

**Artigo 12.** Decreta-se que nada será obrigado nem proibido.  
Tudo será permitido,  
inclusive brincar com os rinocerontes  
e caminhar pelas tardes  
com uma imensa begónia na lapela.

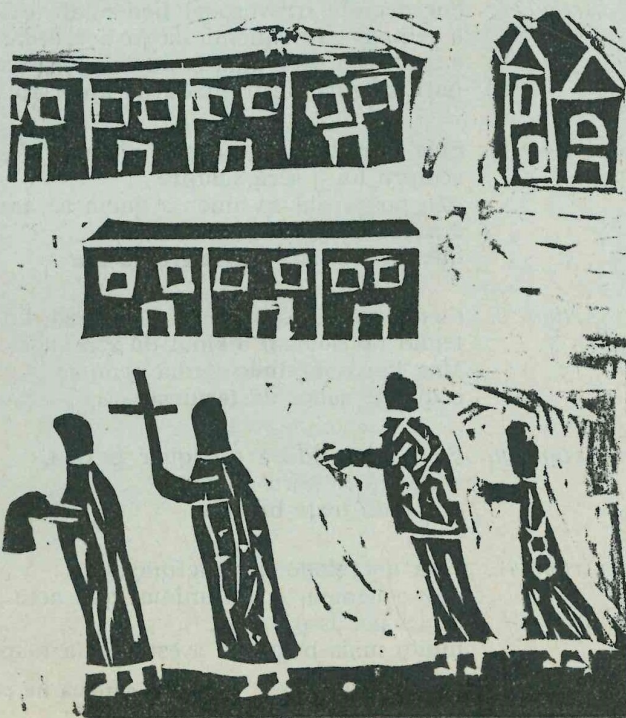
**§ único** Só uma coisa proibida:  
amar sem amor.

**Artigo 13.** Fica decretado que o dinheiro  
não poderá nunca mais comprar  
o sol das manhãs vindouras...  
Expulso do grande baú do medo,  
o dinheiro se transformará em uma espada fraternal  
para defender o direito de cantar  
e a festa do dia que chegou.

**Art.º final:** Fica proibido o uso da palavra liberdade  
a qual será suprimida dos dicionários  
e do pântano enganoso das bocas.  
A partir deste instante  
a liberdade será algo vivo e transparente  
como um fogo ou um rio,  
ou como a semente do trigo,  
e a sua morada será sempre  
o coração do homem.

THIAGO DE MELO

S. Tiago do Chile, Abril de 1964



## UM CONTO DE NATAL

Era uma vez um rapaz chamado João, que vivia na companhia de sua mãe. Habitava uma casa já muito velha. Sua mãe era muito doente e por isso não podia trabalhar, vivendo de esmolas que ela e seu filho pediam.

Certo dia, ao findar do dia, vinha para casa muito contente, pois a recolha de esmolas tinha-lhe sido favorável. De repente, aparece-lhe na frente um homem, de idade já avançada, a cair pelo chão. João foi à sua beira e perguntou-lhe o que tinha. O velhinho, com fraca voz, respondeu-lhe:

— Menino, estou com muita fome. Não terá na sua bolsa um pedaço de pão e uma pinguiha de vinho?

João respondeu-lhe que sim, e deu-lhe tudo o que tinha. O velhinho recuperou as forças e agradeceu-lhe de todo o coração a boa acção que tinha praticado.

Pois bem, João, depois de deixar o velho, segue o seu caminho, triste e cabisbaixo, pois aquele dia já era o Natal e ele nada tinha para alimentar sua mãe. Mas eis a sua surpresa. Ao chegar a casa viu sua mãe a pé e bem vestida. No seu olhar notava-se a felicidade que, naquele dia, a apossava.

João olhou para a mesa e viu uma coisa que lhe fez deslumbrar os olhos. A mesa com uma toalha muito alva em cima, tinha tudo o que no Natal é indispensável. Nesse momento lembrou-se do velhinho e da sua expressão. Era Jesus que, disfarçado, queria experimentar a bondade do rapaz.

Jorge Agostinho — 2.º ano F



## A CEIA DE NATAL

Um facto importante que se deu na Escola Gonçalo Nunes, foi a realização de uma ceia de Natal.

Nela compareceram os professores e dois ou três alunos de cada turma.

A ceia começou às 8 h. e 30 minutos, mas antes, serviram-se alguns aperitivos na sala de professores.

Comeu-se o tradicional bacalhau cozido com batatas, aletria, rabanadas e mexidos.

A ceia decorreu num ambiente de boa disposição e alegria. Foi um agradável convívio entre os professores e os alunos.

Quando acabámos de comer o Senhor P. Barbosa e o Senhor Dr. Raúl tocaram acordeão enquanto os outros professores e alunos cantaram e dançaram alegremente.

Foi uma ceia muito agradável, à qual gostei muito de ir.

Ondina Maria Basto — 1.º Ano E



## «Oh Cycle! Comme je t'aime!»

Je suis une élève de la première année de l'école Gonçalo Nunes. Dans ma salle de classe il y a vingt six élèves: quinze filles et onze garçons.

J'aime beaucoup étudier mes leçons et faire mes devoirs.

Je désire être une bonne élève et non une éève paresseuse qui ne fait rien et ne sait rien du tout.

Je suis heureuse de fréquenter cette école, parce que j'ai beaucoup de camarades et les professeurs sont très gentils avec nous.

Nous apprenons le Français, le Portugais, l'Histoire, la Géographie, les Sciences Naturelles, la Mathématique, etc.

Nous faisons aussi de la Gymnastique et nous chantons.

Je suis bien contente de parler déjà un petit peu de français.

C'est une langue plus difficile que la portugaise, mais je l'aime beaucoup parce qu'elle est très jolie.

Quand les classes sont finies nous jouons dans la cour de l'école.

Nous jouons, souvent, au ballon, au saute, à la corde, au saute-mouton et nous pouvons aussi causer avec nos camarades.

Les garçons préfèrent surtout jouer une partie de ballon.

Nous aimons notre école, nos professeurs et nos camarades.

Nous allons à l'école avec joie, parce que nous sommes là, si bien comme chez nous.

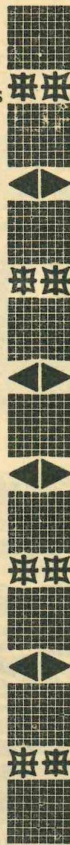
Nous avons une nouvelle école avec de magnifiques installations.

Notre nouvelle école est un beau bâtiment moderne.

Les salles de classes sont amples, bien aérées et bien éclairées.

On peut dire que dans notre école ne manque rien de ce qui convient à l'éducation et à l'instruction.

Ondina Maria Teles de Sousa Basto — n.º 11 — 1.º E



## MINHA CASA, MEU MUNDO

A minha casa é o meu mundo, pois é lá que passo a maior parte do tempo.

Ninguém imagina como adoro a minha casa. Para mim é a mais bela de todas.

A minha casa tem um lindo jardim que dá belas rosas na primavera. Tem, na parte de trás, um pequeno quintal com alguns marmeleiros. É todo coberto com uma vinha.

A casa tem janelas a toda a volta por onde entra o sol, desde manhã até à tardinha. Tem sete divisões, sendo todas elas muito arejadas. A minha mãe arranja-as com todo o cuidado e gosto.

A divisão de que gosto mais é da sala de estudo. Tem lá tudo o que me faz falta, desde a secretária onde faço os meus deveres até aos confortáveis sofás. Tenho lá também uma estante grande onde estão vários livros, os meus jogos e brinquedos.

Aqui passo a maior parte do tempo, quer sózinha a estudar, quer com a minha irmãzinha a brincar.

Gosto muito da minha casa, procuro sempre conservá-la, arranjada com belas flores.

Maia José Marques — 1.º ano F

## Um burrinho por um automóvel

João tinha uma grande quinta e um burro. Certo dia, pensou em comprar um automóvel, porque o seu burrinho era muito lento e não aguentava com grandes cargas.

Depois de comprar o automóvel, João convidou as suas amigas para dar um passeio.

Num momento do passeio, começaram a sair do automóvel muitos pregos e outras peças.

Este foi o resultado da troca do burro por uma coisa que se desfez por todos os lados.

Foram inúteis os esforços que o João fez para pôr o carro em marcha pois já não lhe obedecia. Então pensou: «O meu burrito com um bocado de erva obedece e carrega com tudo, mas aquele carro nem com nada obedece.»

Assim aprendeu o nosso amigo que é melhor o mau conhecido que o bom por conhecer.

Ana Paula Perestrelo Ferros — 1.º Ano E

## O Desporto na nossa Escola

Na Escola praticam-se variados desportos: andebol, voleibol, futebol de salão, mini-basquete e outros.

Estes jogos, aqui em Barcelos, realizam-se tanto no recinto da Escola Preparatória Gonçalo Nunes, como no ringue do lindo parque da cidade.

Gosto muito de várias modalidades desportivas, principalmente andebol e futebol de salão.

O desporto, convenientemente orientado, faz muito bem à saúde.

No dia destinado a jogos, todos nós andamos entusiasmados embora, como é natural, um pouco receosos pelo resultado final. Mas nem sempre se pode vencer, e faz parte do bom desportista encarar o mau resultado com toda a calma, pois perder ou ganhar é sempre desporto.

Pedro Moreira — 1.º Ano E

## O assalto ao Ciclo

Segunda-feira, dia 22 de Janeiro, fui como sempre para as minhas aulas. Ao chegar lá, vi tudo num alvoroço o que normalmente não era costume.

Os meus colegas que já sabiam o que se tinha passado deram-me a notícia de que o Ciclo, que frequento, tinha sido assaltado.

De noite, os assaltantes arrombaram as portas, roubaram o dinheiro da cantina e do bufete, deixando o cofre todo amassado, perto do meu pavilhão.

Depois desse acontecimento, começaram a constar-se certas coisas. Não acreditei porque não tinham nada de verdade.

Com todo esse dinheiro desaparecido, esses homens de hoje para diante poderiam ter uma vida mais cómoda, mas como o que é roubado não nos pertence eles serão procurados e descobertos podendo apanhar dias, meses ou talvez anos de prisão pelo que cometeram.

Virgínia Maria — 1.º Ano E

## CULINÁRIA

«Sopa de Tomate» (para 4 pessoas)

É preciso:

4 tomates grandes

3 cebolas

1 dente de alho

1 colher de sopa de azeite

4 pitadas de sal

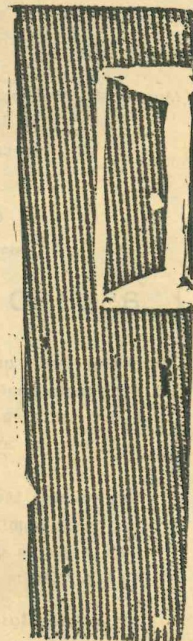
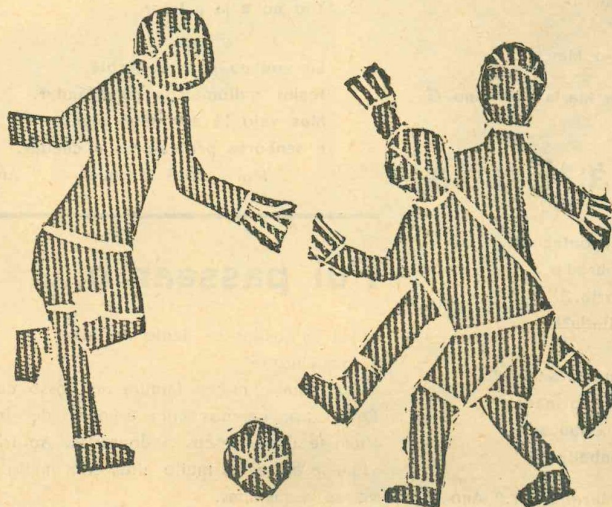
4 chávenas de água quente

1 folha de louro

Ponha o azeite no tacho. Quando deitar fumo, está quente. Deite os tomates pelados e cortados em quartos, as cebolas e o alho, bem picadinhos. Deixe alourar durante 5 minutos, mexendo de vez em quando com a colher de pau. Junte 4 chávenas de água quente, a salsa, o louro, o sal e a pimenta. Deixe levantar fervura, depois reduza a chama e deixe cozer meia hora. Sirva com queijo ralado.

Para pelar o tomate, basta mergulhá-lo durante 5 minutos, em água.

Paula — 1.º Ano C



SOLUÇÕES: Olha, enganámo-nos! Era na página ao contrário.



## As 4 Estações do Ano



O ano é formado por quatro estações: Primavera, Verão, Outono e Inverno.

Na Primavera, os campos florescem. Tudo se cobre de flores. O perfume começa a aparecer. 'perfume de Primavera, perfume de flores. E começam as andorinhas a anunciar os belos fins de tarde...

No Verão, aparece o sol, começa o tempo a ficar muito quente. Os lavradores ceifam o centeio. Mal se pode trabalhar com o calor. Mas a vida é assim... Os lavradores levantam-se, de manhã cedo, põem o seu chapéu na cabeça e tudo está pronto para se lavrar as terras e colher o trigo.

No Outono, o céu cobre-se de nuvens. Começam a cair as primeiras chuvas juntamente com as folhas das árvores. Parece que tudo está morto.

No Inverno, começa a chover intensamente. Os dias tornam-se mais pequenos. A neve cai. O frio é muito. É uma estação triste.

David Manuel - 2.º Ano I



## O Mundo... A Vida... A ida à Escola

O Mundo é a vida  
a vida é o dia de amanhã.

E o dia de amanhã  
é algo que se procura.  
É a esperança.

O Mundo são três planetas:  
A Terra  
A Lua  
E o Mar.

Gila Maria - 2.º Ano C

Ô relógio, és tão mau  
não estejas a despertar,  
tenho sono, quero dormir  
para lá de me acordar.

Ponho-me a pé, ainda é noite  
está o galo a cantar.  
Tenho que tratar de vida,  
Tão nova já a lutar...

Lá vou eu para a escola,  
tenho quilómetros para andar.  
Mas vejo lá ao longe alunos  
e senhores professores a chegar.

Maria José Marques - 1.º Ano E

## O MAR

No mar  
Os peixes brincam  
No mar  
Há peixes brilhantes  
No mar  
Os pescadores ganham  
No mar  
Os pescadores não voltam  
Na terra  
Suas mulheres e seus filhos  
choram com mágoa  
Lá vão os barcos partir...  
E, no céu sem manchas, parece que  
se vêm... as lanchas.

2.º ano

## O assalto à Escola

Ô Meu Deus, que aconteceu?...  
Vejo tanta gente parada...  
E um polícia à porta...  
A Escola foi assaltada?!

Que homens tão maus, Senhor!  
Não respeitam mesmo nada.  
Nem a escola das crianças,  
Pra ser assim roubada.

Maria José Marques - 1.º Ano E

## Fui passear e...

Fui às Grutas de Santo António.  
Era Outono!  
Fui com a minha família no nosso carro.  
Passei por campos com árvores de fruta.  
Viam-se uvas frescas e douradas. Ao longe,  
viam-se as serras muito altas com muitas oliveiras pequeninas.

Cheguei! As grutas impressionaram-me.  
Eram, de facto, muito bonitas.

No princípio, via-se um túnel muito estreito, depois entrava-se num recinto maravilhoso, onde se encontravam estalactites com a forma de corações, rostos de pessoas e figuras de animais.

Gostei muito de visitar estas grutas.

Maria Rosalina - 1.º ano S

# O Dia de Carnaval

O carnaval é um dia de animação. Toda a gente anda contente e se diverte.

As pessoas normalmente modificam-se com roupas diferentes e enfeitam-se com máscaras.

Um dia fui correr o carnaval, e ainda apanhei com um cipó nas costas por não dizer o meu nome. Os que me perguntaram o meu nome eram cinco. O que me chegou a roupa ao pelo era o Manel Rita e os outros eram o Francisco Minas, o Zé Tone, o Manel Salgueiro e o Tone Bolinhas. Todos com o seu cabo de vassoura às costas e dançando ao som dumhas latas velhas perguntaram-me:

— Eh, pá! Quem és tu?

Mas eu não me importei do que eles diziam, porque se falasse eles reconhecer-me-iam a voz e assim não prestava.

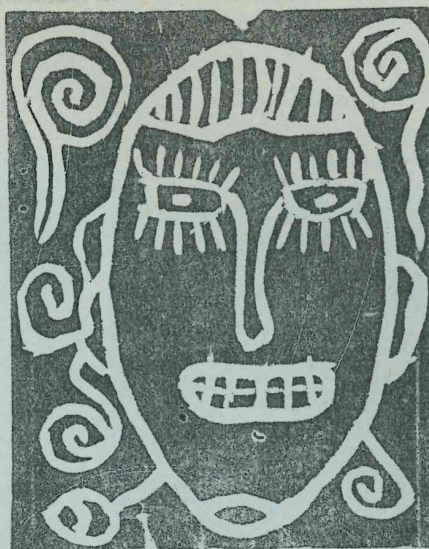
A minha máscara fui eu que a construí com um pedaço de bacia que estava no lixo. Cortei-a e fiz-lhe o feitio que mais me agradou.

Na aldeia as pessoas atiram con fetis e serpentinas para enfeitar e animar as pessoas.

O meu pai não gosta que eu vá correr o Carnaval, porque acha que a gente deve andar a descoberto e que só tem uma cara.

O Carnaval em alguns países ou cidades são muito perigosos porque se matam pessoas e até serve de drogas a outras, porque as pessoas no dia de Carnaval não pensam na vida, não procuram solução para os problemas, tentam apenas esquecê-los.

Rui Manuel — 2.º Ano 1



## ADIVINHAS

- 1 — Meio careca tem 50 cabelos.  
Um careca inteiro quantos tem?
- 2 — Qual é o nome do meu tio que tanto tem de mar como de rio?
- 3 — Qual é a palavra que tem quarenta e dois «acentos»?
- 4 — Qual é o animal que veste mais pobremente?
- 5 — Qual é a coisa mais parecida com a metade de um queijo?
- 6 — Quais são os animais mais parecidos com os gatos?
- 7 — Qual é o cúmulo da economia?

E, agora, as soluções? Estão na página 9!

# O MAGUSTO da minha Escola

No dia 10 de Novembro, realizou-se o magusto anual.

Comi à pressa, e às 14 h. e 30 minutos, lá estava alegre, pronto para mais um magusto.

No Ciclo havia enorme barafunda. Encontrando diversos colegas lá conversei e brinquei um pouco.

Ardem as primeiras fogueiras, as castanhas estalam e rapazes e raparigas correm a apanhá-las. Apagadas as fogueiras, tudo volta à normalidade.

Chegou a hora de fazer bichas para que fôssemos buscar as castanhas e laranjadas. Depois de muito tempo, lá sai da bicha para ir comer às minhas castanhas e beber a minha laranjada. Depois disto, tudo acalmou normalmente.

Quando já tudo voltava a suas casas, fez-se um jogo de voleibol com a participação dos professores. Acabado o jogo, tudo regressa a casa, e o Ciclo ficou triste e melancólico.

António Armando — 2.º Ano A



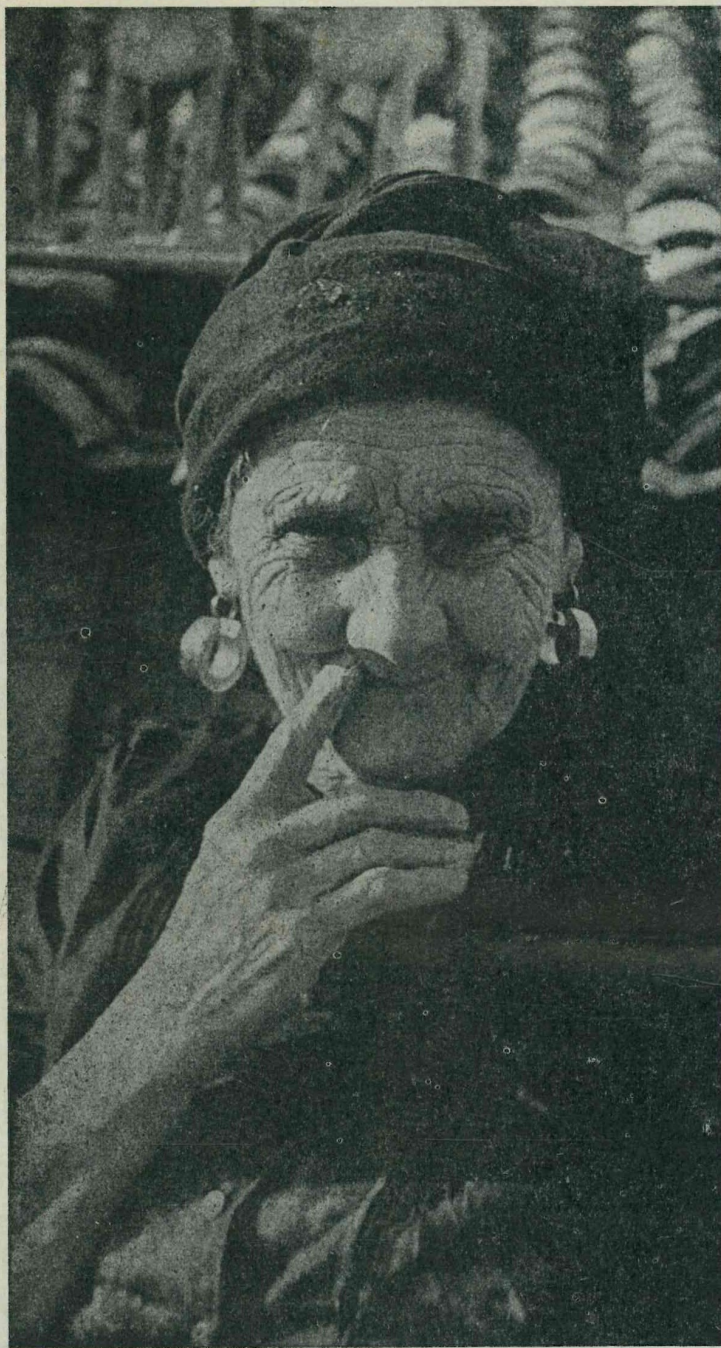
## PASSATEMPO

Completa as palavras, substituindo os traços por letras, de modo a formares cidades portuguesas:

(As soluções : procura na pág. 9)

— v — — — —  
— — — s — — — —  
B — — — — — — —  
— — — — — — —  
— — — — — — —  
— — — — — — —  
— — — — — — —  
— — — — — — —  
— — — — — — —  
— — — — — — —

# ROSA RAMALHO *divaga...*



## BIOGRAFIA

Rosa Ramalho é uma das principais figuras da arte popular portuguesa.

Nasceu em Barcelos, no lugar da Cova, na freguesia de Galegos de S. Martinho, no dia 14 de Agosto de 1888, tendo portanto 85 anos de idade.

Começou a trabalhar em barro aos sete anos, fazendo umas cestinhas que lhe ensinaram.

Casou-se na igreja de Manhente, aos vinte anos de idade.

Como seu marido era moleiro, Rosa Ramalho abandonou o barro e só depois da morte de seu marido voltou ao ofício de ceramista.

Teve oito filhos, cinco dos quais já morreram. Dos três restantes, nenhum quis seguir a profissão da

mãe. Dos vinte e oito netos que tem, apenas quatro quiseram ser ceramistas. Dois deles são já bastante conhecidos. Tem quarenta bisnetos.

As suas obras são feitas em barro, geralmente em vidro amarelo, e poucas vezes colorido.

Dos animais, que modela, são muito apreciados umas cabras e uns ouriços. Modela também cristãos, conhecidos não só em Portugal como também em muitos países, e várias figuras como cabeçudos, demónios, santos populares, cavaleiros, etc...

Por várias vezes tem ido à televisão e já foi convidada a expôr no Japão e em Espanha, não tendo aceitado por motivos de saúde.

«A minha louça e o meu nome andam por todo o mundo.

A minha maior alegria é ter um bocadinho de barro para trabalhar.

No princípio da minha vida comi muito mal, porque era pobre: em lugar de caldo (sopa de couve) comia-a feita de saramagos (ervas do campo).

O meu marido era moleiro e pescador no rio. Faleceu há dezoito anos.

O meu trabalho era ir buscar às «fornadas» com uma carroça. Ninguém queira passar o que eu passei.»

Na sua simples e humilde casa a artesã Rosa Ramalho vai pegando em bocadinhos de barro e nas suas mãos vai ganhando forma.

Placas indicam o seu nome, tendo escrito: ROSA RAMALHO. Assim muitos visitantes vindos de toda a parte, têm mais facilidades em encontrar a sua casa, e aí verem, admirarem e comprarem os lindos bonecos de barro.

O barro ainda se transforma em obra nas mãos da artista.

«Tenho encomendas para Lisboa, Espanha, América e para toda a parte.

Dantes levantava-me às quatro horas da madrugada e trabalhava até ao cair da noite. Mas agora os médicos disseram-me que eu sofria do fígado e que devia descansar. Só começo a modelar o barro a partir das oito horas da madrugada.»

Rosa Ramalho, aos sete anos de idade, viu uma cigana fazer uma cesta de asa em vime, tentou fazê-la em barro e conseguiu: meteu-a num forno aquecido a lenha e cozeu-a, depois pintou-a e em seguida foi levada com outras peças para as feiras e finalmente foi vendida.

Rosa Ramalho começou a ser conhecida e admirada por muitos portugueses e estrangeiros.

Mas isto era o princípio, depois fez outras louças e assim começou a ganhar clientes.

«Comecei por fazer cestas de asa. Depois a imagem de Jesus Cristo, carros e carroças, bandas de música com onze elementos, castiçais e varinas. Tudo quanto me vem à imaginação ganha forma nas minhas mãos de trabalho... e no meu velho forno a lenha que nunca modificarei enquanto for viva.

Este minha terra e casa dos meus filhos, é tudo quanto amo e nada mais quero.»

E assim se ficou Rosa Ramalho a trabalhar os seus bonecos...

Rui Manuel — 2.º Ano I

Exporta os seus trabalhos para a América, Inglaterra, Alemanha, Suíça, Espanha, Itália, etc...

Ondina Maria — 1.º Ano E

# Ilustraram o jornal



Pág. **1**—O aluno n.º 2—2.º ano - Turma F

Pág. **2**—O aluno n.º 23—2.º ano - Turma B  
O aluno n.º 22—2.º ano - Turma F  
EDUARDO

Pág. **3**—A aluna n.º 5—2.º ano - Turma F  
MARIA CELESTE  
O aluno n.º 28—2.º ano - Turma J

Pág. **4**—O aluno n.º 2—2.º ano - Turma F

Pág. **5**—O aluno n.º 15—2.º ano - Turma J  
AUGUSTO  
O aluno n.º 4—2.º ano - Turma B  
O aluno n.º 11—2.º ano - Turma H

Pág. **6**—O aluno n.º 15—2.º ano - Turma H  
O aluno n.º 25—2.º ano - Turma H

Pág. **8**—A aluna 2.º ano—Turma H  
ANA MARIA

Pág. **9**—O aluno n.º 17—2.º ano - Turma F  
AIRES AMARAL

Pág. **10**—O aluno 2.º ano—Turma J  
MANUEL COSTA  
O aluno n.º 27—2.º ano - Turma J  
O aluno 2.º ano—Turma J  
LUCIANO  
O aluno 2.º ano—Turma J  
JOSÉ MARIA

Pág. **11**—A aluna 2.º ano—Turma J  
ALICE  
O aluno 2.º ano—Turma J  
SACRAMENTO  
A aluna 2.º ano—Turma J  
MARIA DE JESUS

Pág. **12**—2 bonecos (?)



Comp. e impresso na EDITORA POVEIRA - Póvoa de Varzim



